

Em Tese

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “SUBÚRBIOS E PERIFERIAS: ATORES, PROJETOS E TERRITÓRIOS NA ORGANIZAÇÃO DE MEMÓRIAS COLETIVAS DO ESPAÇO URBANO”

Presentation of the dossier “‘Subúrbios’ and peripheries: actors, projects, and territories in the organization of collective memories of urban space”


Fabio Costa Peixoto

Doutor em Ciências Sociais (UERJ/PPCIS)

Professor EBTT

Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis, Rio de Janeiro, Brasil

fabio.peixoto@ifrj.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-3141-7306> 

Gabriel da Silva Vidal Cid


Doutor em Sociologia (UERJ/IESP)

Pós-doutorando

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil

Brasil

gabrielsvcid@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0479-041X> 


Leopoldo Guilherme Pio

Doutor em Ciências Sociais (UERJ/PPCIS)

Professor Adjunto

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, Brasil

leopoldo.pio@unirio.br

<https://orcid.org/0000-0002-6778-4992> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

O texto descreve as questões centrais da proposta para o dossiê *Subúrbios e periferias: atores, projetos e territórios na organização de memórias coletivas do espaço urbano* e as contribuições reunidas. A proposta do dossiê era a de reunir estudos nos campos do urbano e do simbólico que privilegiassem territórios suburbanos ou periféricos em associação ao tema da memória coletiva. A apresentação antecipa algumas das contribuições dos artigos escolhidos e discute brevemente conceitos que servem como lupa para reconhecer as singularidades do tema proposto.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Sociabilidade. Subúrbio. Periferia. Memória coletiva.

ABSTRACT

The text describes the central questions of the dossier proposal “*Subúrbios*” and *peripheries: actors, projects, and territories in the organization of collective memories of urban space* and the contributions gathered. The proposal of the dossier was to bring together studies in the urban and symbolic fields which favor suburban or peripheral territories in association with the theme of collective memory. The presentation anticipates some of the contributions of the chosen articles and briefly discusses concepts that serve as a magnifying glass to recognize the singularities of the proposed topic.

KEYWORDS: City. Sociability. Suburb. Periphery. Collective memory.

O dossiê *Subúrbios e periferias: atores, projetos e territórios na organização de memórias coletivas do espaço urbano* se propõe a reunir reflexões sobre a(s) cidade(s) e a (re)produção de memórias coletivas, privilegiando como objeto de estudo as áreas periféricas e os chamados “subúrbios”. Os objetivos estão centrados no estímulo às discussões acerca de diversos aspectos da sociabilidade suburbana e periférica, com ênfase nas questões relacionadas aos usos da memória. A proposta visa fomentar uma agenda de discussões que busquem estabelecer análises sobre essa sociabilidade, pensada como um espaço social, conforme salientado por Milton Santos (1978). Entendemos que essa sociabilidade possui singularidades que envolvem a ampliação dos processos de exploração, o fortalecimento das pautas identitárias e o reconhecimento de desigualdades, antes silenciadas. Entendemos que tais questões se atualizam na ampliação dos usos da subjetividade no espaço público (Sarlo, 2007), a aceleração do tempo (Rosa, 2019) e a digitalização da vida (Han, 2022) que transformam objetos de estudo e a experiência da cidade e da memória.

Na (des)organização dos espaços urbanos que nos interessa, há um entrecruzamento entre o caráter material e o simbólico na cidade vivida e imaginada. Vislumbramos a possibilidade de refletir sobre o papel do espaço urbano, demonstrando não somente os interesses dos variados grupos sociais que ali coabitam e coexistem, mas também as disputas que (re)formulam estratégias e ações sociais desses mesmos grupos para grafar suas marcas, posições, desejos e projetos para a cidade. Entendemos que esses projetos carregam compreensões imersas em subjetividades que expressam a sobreposição de temporalidades, usos e costumes. Nessa direção, urge a necessidade de se pensar a elaboração de novas reflexões sobre os subúrbios, pensados tanto como componente de uma periferia, assim como singularidade de um território. Para pensar o dossiê, compreendemos, como ponto de partida à discussão, que a noção de que subúrbios e periferias configuram espaços de uma sociabilidade particular, carregando aspectos sociais, econômicos e culturais que merecem atenção especial. Seja em seu formato histórico e/ou contemporâneo, a compreensão dessa sociabilidade suburbana e periférica oferece temas, conteúdos e subsídios para ampliar a discussão sobre as cidades, trazendo nuances, sendo esse um status especial que constitui o objetivo central do dossiê.

Embora seja uma categoria corrente no dia a dia dos moradores das grandes cidades, subúrbio nem sempre significa uma mesma configuração urbana. Enquanto conceito, perde força explicativa, pois, em diferentes arranjos, subúrbio significa e remete a práticas e imaginários diferentes; na concretude da vida tem efeitos evidentes. Em

diferentes países, os subúrbios abrigam camadas de histórias e extratos sociais distintos. Enquanto no padrão norte-americano, subúrbios estão vinculados a determinados padrões construtivos que abrigam camadas médias e altas, nas cidades brasileiras, genericamente, subúrbio se tornou sinônimo de lugar das classes populares¹. Tomando a experiência da cidade do Rio de Janeiro como paradigma da noção que ora operacionalizamos, subúrbio é lugar de moradia das classes populares. Embora se refira a territórios muito heterogêneos, a categoria subúrbio possui certa operacionalidade para compreendermos as cidades e suas diferenças. O trabalho de Nelson da Nóbrega Fernandes (2011), um clássico dos estudos sobre o Rio de Janeiro, descreve como a categoria subúrbio sofre uma mudança de significado ao se lançar a esses espaços o estigma de lugar das classes populares, agregando um imaginário de ausências e de atraso em relação à cidade moderna, tratada como central ou a Zona Sul². A contribuição do autor é demonstrar categoricamente como a noção do que chamamos de subúrbio é constituída e transformada historicamente na produção material e simbólica da cidade.

Os subúrbios e as periferias se configuram como importantes locais de sociabilidade, de consideráveis quantitativos populacionais em cidades dos mais diversos portes. Ao se observar o caso das metrópoles brasileiras, esses territórios reservam uma considerável importância, em suas dimensões econômicas, políticas e culturais que as singularizam. Olhar para as cidades a partir dos subúrbios é recontar suas histórias, ao valorizar novos ângulos narrativos e atores aos quais nem sempre foi permitido contar suas histórias. Importante citar que percebemos que nas últimas décadas tais regiões têm sido valorizadas com a construção de suportes de memória, em sua maioria de novos tipos, através de diversas ações e políticas socioculturais. Muitas destas ações dialogam com tentativas de desconstrução da história dominante, que tende a supervalorizar a visão colonial e monumentalista da memória urbana. Nesse sentido, “escrever a história a contrapelo”,

¹ As leituras do subúrbio no Brasil o aproximam da interpretação francesa da palavra francesa *banlieu*. Assim como esta palavra estava associada à ideia de entorno da cidade e de exílio (*ban* nos leva a banir), *sub* aproxima à noção de subalternidade; ver El-Kareh (2010).

² Há pouca tradição de estudos sobre o tema, com algumas exceções, como Martins (1992) e Bernardes e Soares (1990). Para um balanço da literatura sobre o tema nas Ciências Sociais, ver Guimarães e Davies (2018). Alguns autores, em momento mais recente, vêm retomando o tema, tomando a categoria como um conceito explicativo para diversas desigualdades existentes na cidade, simultaneamente aos esforços de valorização de características dos subúrbios, como fuga da leitura, mais corrente de lugar de ausências. Ver estudos reunidos em Fernandes e Oliveira (2000); Santos, Mattoso e Guilhon (2019); Araújo e Davies (2022) e Carneiro e Mattoso (2023).

“decolonizar museus” ou “derrubar as estátuas” são algumas das expressões que sinalizam os cruzamentos entre memória, cidade e poder³.

É nesse esforço que nos propusemos a reunir no dossiê contribuições de pesquisadores, militantes e agentes sociais sobre a atualidade das ações na (des)construção e proposição de signos nos espaços urbanos. Entendemos que a cidade e seus equipamentos se encontram em constante disputa na definição de valores e organização de territórios marcados por violências e exploração, mas também por resistências e criativas soluções. Nossa atenção se deu no sentido de compreender como essas disputas vêm impactando na organização de marcos e signos nas cidades. Compreendemos a memória dos espaços urbanos como uma camada simbólica da cidade. Não diríamos que a significação que se dá sobre o espaço construído é mais ou menos importante do que a matéria em “pedra e cal”, pois estão entrelaçadas. Não há cidade sem significação e não há significação sem o espectro material. De modo que, o que entendemos como cidade, demonstra as externalizações e materializações de projetos, de disputas e tensões presentes nos discursos, nas formas de usos e práticas sociais marcados por aquelas violências, assimetrias e (re)criações no processo de construção do ambiente urbano.

O conceito de imaginário urbano (Silva, 2001) pode nos ajudar a entender a cidade com suas camadas, materiais, simbólicas e políticas, uma vez que ele valoriza a experiência do cidadão que vive e caminha na cidade. O conceito propõe atentarmos para a experiência de quem “vê”, organizando um determinado imaginário que leva a efeitos práticos na definição do que é a cidade para esse cidadão. É nossa intenção, com este dossiê, contribuir no pensar o (re)fazer deste imaginário, na medida em que ele produz sentidos que definem a cidade para seus cidadãos e seus usos, a partir de discussões sobre a memória coletiva dos territórios suburbanos e periféricos. Neste fazer, nos deparamos efetivamente com a disputa pela cidade, como lemos em Lefebvre (2001) e em Harvey (2014). A organização dos imaginários sobre as cidades se dá em grande medida junto à memória que temos delas. Ela nos fala sobre o que foi, projetando sobre o território uma “essência”, uma identidade, do que ele é e que também nos define. Ou seja, não é

³ A referência aqui é feita diretamente às propostas de Benjamin (1994), Vergés (2023) e Mirzoeff (2021). Do ponto de vista das teorias urbanas, diversos autores vêm chamando a atenção para o entrelaçamento entre as estruturas de poder e organização urbana. Ver, como exemplo, as contribuições de Bourdieu (2013), em sua teoria das estruturas estruturantes, atenta ao impacto de diferentes capitais no entrelaçamento entre o espaço social e o espaço; em Foucault (2008), os processos de introjeção e de territorialização de micropoderes, em ações normalmente voltadas para a organização de heteronomias; ou, em Elias (2000), a organização de poderes na definição de hierarquias que se constituem nos territórios.

possível pensarmos a cidade sem a organização desta identidade sobre o território que se constitui em relação ao que lembramos sobre ele de forma atualizada nas estruturas do presente. Portanto, uma dimensão importante para se entender melhor uma “sociabilidade” suburbana (e periférica) pode ser encontrada na dimensão da memória, aqui pensada como conteúdo capaz de aglutinar signos a serem “lembrados” ou “esquecidos” por determinado grupo social e/ou étnico.

Autores de diferentes matizes concordam que na elaboração de memória(s) coletiva(s)⁴ há uma mediação que se dá no presente, não obstante se constituir de passados que nos chegam⁵. Existem disputas em torno da primazia das narrativas, na dicotomia entre preservação e destruição dos marcos e suportes. A memória coletiva se organiza em uma experiência social, em uma relação entre elementos aglutinadores que valorizam elementos que “devem” ser lembrados e os que “devem” ser esquecidos. Nesse processo assimétrico, o que “deve” ser esquecido nos lembra especialmente dos processos de violências e desigualdades, remetendo aos setores que tradicionalmente são dificultados a ter “voz” e visibilidade no espaço público. Tal questão fornece um cenário para se pensar a desigualdade aqui focada em sua dimensão simbólica, por expressar símbolos que devem ser valorizados ou não. No cenário urbano, entre lembranças, esquecimentos e silêncios se faz presente experiências de grupos sociais, com valorização e/ou depreciação de espaços, grupos e histórias.

A partir de uma chave analítica clássica, centro-periferia, é possível refletir sobre a presença de assimetrias de poder ao se considerar a localização espacial da população e os recursos disponíveis a cada grupo social. Desta maneira, a desigualdade é reproduzida no âmbito do que deve ser valorizado e lembrado, pois, como estamos chamando a atenção, a própria memória se constitui em um recorte da realidade em determinado tempo e espaço, perpassado por um processo constante de construção e reconstrução de símbolos. No cenário em questão, é possível notar as relações entre a desigualdade e a memória ao se considerar a produção de saberes e símbolos em diferentes territórios.

⁴ Halbwachs (1990), em seminal estudo, define o que passamos a denominar como memória coletiva, demonstrando sua importância na coesão dos grupos sociais, chamando a atenção inclusive dos efeitos da materialidade da cidade em relação à construção dos signos marcadores da memória.

⁵ Estudos, em diferentes correntes teóricas, vêm contribuindo para pensar a memória coletiva como um fenômeno que se dá no presente em uma mediação entre grupos de diferentes formatos, em assimetrias e com subjetividades próprias, em uma experiência individual e coletiva na constituição de identidades e conteúdos disponíveis. Ver Pollack (1989, 1992), Assman (2011), Candau (2011), Ricoeur (2007) e Santos (2003, 2013)

Assim, a memória coletiva é tratada de diferentes formas, tanto nas políticas públicas, tradicionais, quanto pelos atores que vêm militando nessa camada da cidade.

O escopo do dossiê é representado por nove artigos que abordam ações e questões referentes à memória e o território dos subúrbios e periferias. O primeiro deles é o de Marcelo de Medeiros Reis Filho, com o artigo “Calçadão de Bangu: modelos de cidades e modos de vida”, no qual o autor enfatiza o processo de reforma que refuncionalizou o calçadão e o tornou objeto de disputa simbólica em torno de seu uso e de se pensar a cidade. Já Sirley da Conceição Ferreira, com o texto “Análise do caso da venerável ordem terceira e a comunidade quilombola da Pedra do Sal: memórias em disputas”, elabora uma reflexão acerca da disputa do território da Pedra do Sal entre a Igreja Católica e a comunidade quilombola local, contrapondo visões distintas acerca de um bem, gerando uma luta sobre qual patrimônio deve ser preservado e em quais condições. O terceiro artigo, “Carapina – um território, duas realidades: narrativas de uma população invisível”, de autoria de Franco Dani Araújo e Pinto e Edmarcius Carvalho Novaes, analisa o conflito entre áreas periféricas com perfis distintos no município de Governador Valadares (MG). A reflexão de Tainá Andrade da Silva e Wilson Oliveira da Silva, no artigo “Os cinemas de rua morreram?”, ilustra os motivos por trás das lutas suburbanas em defesa dos cinemas de rua como espaços de memória coletiva e força transformadora de territórios. Os autores enfatizam a luta em torno do papel de cinemas de rua como uma forma de proporcionar um acesso a este bem cultural, por meio da potência cinematográfica, nos subúrbios cariocas normalmente segregados no contexto do município carioca.

O artigo de Matheus Cardoso de Andrade e Antônio Gilberto Nogueira, “As disputas pela preservação do riacho Maceió: turismo, patrimônio, meio ambiente e memória em meio a contradições urbanas e sociais do Mucuripe (1988-1994)”, discute a inserção do entorno do riacho Maceió em um processo que envolve gentrificação e propaganda massiva em torno de um patrimônio ambiental urbano e nos permite compreender os meandros desse processo. No artigo “Centralidades em deslocamento: a voz que emerge da feira popular e o silêncio dos outros”, Jesus Marmanillo Pereira apresenta a relação entre centralidade e periferia, na cidade maranhense de Imperatriz, à luz de um conjunto de fenômenos como mobilização política, eventos e mobilidade urbana. Vinicius Silveira Luz enfatiza a presença de um bairro marcado pela violência e pobreza no contexto de uma cidade tipicamente turística. No artigo “É uma mancha que não dá para tirar: produção da diferença e representações da periferia urbana na comunidade da tapera, Florianópolis, Santa Catarina”, o autor destaca a formação do “outro” deste bairro socialmente vulnerável. No

texto seguinte, temos a reflexão de Vitor Guilherme Gonçalves Bispo de Almeida. Com o título “Subúrbio ilustrados: o moderno e o modernismo nos subúrbios do Rio de Janeiro através das revistas ilustradas (1902-1922)”, o autor analisa a produção dos subúrbios, tendo a revista como fonte e demonstrando como ela se configurou um espaço de reivindicações para o singular território carioca. Como último artigo, temos a contribuição de Aristóteles Veloso da Silva Muniz e Beatriz Cimorelli de Melo Costa. O texto “A cidade e o sagrado de matriz africana e afro-brasileira na cidade de Caruaru-PE” enfatiza a distribuição socioespacial dos terreiros de matriz afro-brasileira no município pernambucano de Caruaru e a sua relação na dinâmica urbana do município.

Além dos artigos, apresentamos uma tradução comentada do ensaio “All the monuments must fall #Charlosttosville” (“Todos os monumentos devem cair #Charlosttosville”), de Nicholas Mirzoeff. Sua publicação sintetiza muitas das discussões a respeito dos desafios contemporâneos que envolvem a crítica às narrativas históricas oficiais e a consequente reorganização das memórias coletivas nos espaços urbanos. A atualidade do texto e da discussão sobre o caráter problemático dos lugares tradicionais de memória se reflete, por exemplo, na elaboração de projetos de lei nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo que impedem a manutenção ou instalação de monumentos e estátuas que homenageiam escravocratas, eugenistas e pessoas que tenham perpetrado atos lesivos aos direitos humanos, aos valores democráticos, à liberdade religiosa ou que tenham praticado atos de natureza racista⁶. À tradução foram incorporadas notas explicativas, que visam situar tanto o contexto teórico e empírico a partir do qual o ensaio foi elaborado, quanto às possíveis relações deste com as questões culturais e raciais que caracterizam a memória periférica dos subúrbios brasileiros.

Na seção de entrevistas, trazemos uma conversa com Fernando Cazé e Pedro Rajão, artistas e produtores culturais, criadores do projeto Negro Muro. Os dois militantes vêm redesenhando o imaginário da cidade do Rio de Janeiro com a elaboração de seus murais. Centrados na representatividade racial e na cultura afro-brasileira, Cazé e Rajão pintam a cidade, reconstruindo-a, tornando mais presente a história de personalidades

⁶ Rio de Janeiro: Projeto de Lei nº 608-A/2021. Disponível em: <https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro2124.nsf/ab87ae0e15e7ddddd0325863200569395/36fcd44b1783740203258a4d0045c213?OpenDocument>. Acesso em: 10 nov. 2023; São Paulo: Projeto de Lei nº 47/2021. Disponível em: https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Pesquisa/DetailsDetalhado?COD_MTRA_LEGL=1&COD_PCSS_CMSP=47&ANO_PCSS_CMSP=2021. Acesso em: 10 nov. 2023. Algo similar ocorreu em São Paulo em 2021, quando a prefeitura da capital paulista elaborou uma lista com 40 monumentos tidos como controversos, por homenagear a escravidão, o período colonial ou a ditadura militar.

negras em relação a seus territórios. Como falam na entrevista, é um trabalho de iluminar a cidade.

Entendemos que o dossiê colabora com a desnaturalização das assimetrias de representatividade na memória urbana. E, indo além, apresenta agências e criatividade na ação de atores que devem ser compreendidos em suas lutas imersas nas desigualdades que se materializam no espaço e nas experiências de vida. A proposta foi analisar entrelaçamentos entre a produção material e a simbólica, as articulações entre poder e narrativas, compreendendo avanços nas ciências sociais.

O caminho de reflexão, aqui proposto, acena para certa agenda de pesquisa na qual destacamos algumas questões a serem trabalhadas em novas empreitadas: as memórias diaspóricas e outras memórias entendidas como difíceis; as desigualdades da presença de equipamentos e instituições de memória na cidade; a valorização de símbolos da cultura suburbana que valorizam aspectos clássicos deste formato de sociabilidade e de aspectos mais contemporâneos; a interface entre os coletivos que têm o subúrbio como tema ou local de atuação e as plataformas digitais

Para finalizar, lembramos que a cidade, por mais dura que seja, é plástica, moldável, maleável às falas de seus habitantes que nela vivem ou viveram, seja na identificação ou no estranhamento. Nesse sentido, é constituída em narrativas e memórias, com sentidos atribuídos às mais diversas marcas e suportes, como monumentos, grafias e afetos. Agradecemos às contribuições dos autores aqui reunidos e destacamos que nos levaram a reflexões e interpretações diversas sobre a valorização do simbólico como um ativo ou recurso político na organização dos espaços urbanos e subjetividades para a ação. Convidamos os leitores a dialogarem com os estudos, atentos à interface entre o urbano e o simbólico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fábio; DAVIES, Frank A. (orgs.). **Rio a oeste**: modos de habitar e fazer a cidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1994.



BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. **Rio de Janeiro: cidade e região**. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 27, n. 79, p. 133-144, 2013.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, Sandra. de S.; MATTOSO, Rafael. **Subúrbios: espaços plurais e múltiplos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Autografia, 2023.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EL-KAREH, Almir Chaiban. Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arredores no século XIX. *In*: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs). **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: Lamparina: FAPERJ: EdUFF, 2010.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858/1945**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Editora Martins Fontes Paulista, 2008.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio; DAVIES, Frank Andrew. Alegorias e deslocamentos do “subúrbio carioca” nos estudos das Ciências Sociais (1970-2010). **Sociologia & Antropologia**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 457-482, ago. 2018.

HALBWACHZ, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio, vida cotidiana e história no subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha**. São Paulo: Editora Hucitec e Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MIRZOEFF, Nicholas. All the monuments must fall #charlottesville. **The Funambulist**, 2021. Disponível em: <https://thefunambulist.net/magazine/against-genocide/all-the-monuments-must-fall-charlottesville>. Acesso em: 10 nov. 2023.



- OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs). **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: Lamparina: FAPERJ: EdUFF, 2010.
- POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- POLLACK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- ROSA, Hartmurt. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SANTOS, Justino J. dos; MATTOSO, Rafael; GUILHON, Teresa. (orgs.). **Diálogos suburbanos**: identidade e lugares na construção da cidade. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos Santos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos Santos. **Memória coletiva e identidade nacional**. São Paulo: Annablume, 2013.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- VERGÉS, Françoise. **Decolonizar o Museu**: Programa de desordem absoluta. São Paulo: UBU, 2023.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ "SUBÚRBIOS E PERIFERIAS: ATORES, PROJETOS E TERRITÓRIOS NA ORGANIZAÇÃO DE MEMÓRIAS COLETIVAS DO ESPAÇO URBANO"

Fabio Costa Peixoto

Doutor em Ciências Sociais (UERJ/PPCIS)

Professor EBTT

Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis, Rio de Janeiro, Brasil

fabio.peixoto@ifrj.edu.br

● <https://orcid.org/0000-0002-3141-7306>

Gabriel da Silva Vidal Cid

Doutor em Sociologia (UERJ/IESP)

Pós-doutorando

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil

gabrielvcid@gmail.com

● <https://orcid.org/0000-0003-0479-041X>



Leopoldo Guilherme Pio

Doutor em Ciências Sociais (UERJ/PPCIS)

Professor Adjunto

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, Brasil

leopoldo.pio@unirio.br

 <https://orcid.org/0000-0002-6778-4992>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Visconde de Cairu, 154/301, 20270-050, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Escolha do texto para tradução, tradução, elaboração de notas explicativas e revisão crítica: L. G; Pio.

Tradução e elaboração de notas explicativas: R. P. de Almeida.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

